

Música Brasileira do século XIX

Brasil sede da Corte e o Classicismo

Fator crucial para a transformação da vida musical e dos parâmetros estéticos brasileiros seria a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808. Até então o Rio não se distinguia em nada de outros centros culturais do país, sendo mesmo inferior a Minas e aos centros nordestinos, mas a presença da corte alterou radicalmente a situação, concentrando todas as atenções e servindo como grande estímulo a um outro florescimento artístico, já de molde claramente classicista.

Dom João VI havia trazido consigo a vasta biblioteca musical dos Bragança - uma das melhores da Europa na época - e rapidamente mandou vir músicos de Lisboa e *castrati* da Itália, reorganizando a Capela Real agora com cerca de 50 cantores e uma centena de instrumentistas, e mandou construir um suntuoso teatro, chamado de Real Teatro de São João. A música profana contou com a presença de MARCOS PORTUGAL, nomeado Compositor da Corte e Mestre de Música dos Infantes, e de SIGISMUND VON NEUKOMM, que contribuíram com apreciável quantidade de obras próprias e também para divulgar na capital o trabalho de importantes autores europeus, como Mozart e Haydn.

Neste ambiente atuou o primeiro grande compositor brasileiro, o padre José Maurício Nunes Garcia. São interessantes neste período também as figuras de GABRIEL FERNANDES DA TRINDADE, compositor de modinhas e das únicas peças camerísticas remanescentes do início do século XIX., e JOÃO DE DEUS DE CASTRO LOBO, que atuou em Mariana e Ouro Preto.

PE. JOSÉ MAURÍCIO NUNES GARCIA (1767- 1830) - nascido no Rio de Janeiro de onde jamais saiu, foi filho de português com uma escrava, perdeu o pai aos 5 anos. Desde muito novo manifestou invulgar inclinação para a música, mas, além do solfejo aprendido com o pardo de nome Salvador José, a sua educação nesta arte parece ter sido inteiramente a de um autodidata.

O Pe José Maurício surge na história brasileira como o músico mais importante do período colonial. Homem de grande cultura para sua origem - era mulato e pobre - foi um dos fundadores da Irmandade de Santa Cecília no Rio, professor de muitos alunos, Pregador Régio e Mestre da Capela Real da Sé durante a estada de Dom João VI no Brasil.

Músico muito importante de sua época, apesar de nunca ter saído do Brasil, foi um grande precursor e fomentador do movimento musical de sua época. Muito conhecido mesmo em vida, suas obras eram também noticiadas na Europa. Depois do regresso de D. João VI a Portugal, em 1821, José Maurício, apagado o estimulador brilho da corte do príncipe regente, pouco compõe. A febre com que compõe provoca-lhe o esgotamento cerebral que acusa nos últimos tempos da sua vida.

Deixou extensa obra de alta qualidade, onde se destacam a *Missa Pastoril*, a *Missa de Santa Cecília*, o *Officium* de 1816, e as intensamente expressivas *Matinas de Finados*, para coro a capella, além de alguma música instrumental e obras teóricas.



Brasil Império e o Romantismo

O período de brilho de sede da Corte portuguesa não duraria muito. Em 1821 o rei foi obrigado a retornar a Lisboa, levando consigo a corte, e a vida cultural no Rio esvaziou-se de súbito. Apesar do entusiasmo de Dom Pedro I pela música, sendo ele mesmo autor de algumas peças e da música do *Hino da Independência*, a difícil situação financeira gerada pela independência não permitia muitos luxos. Com a abdicação de Dom Pedro em 1831 e a conseqüente instabilidade política e social durante a menoridade de seu sucessor, o cenário se estreitou ainda mais e foi dissolvida a Capela Imperial, permanecendo um punhado de músicos. A figura central nestes tempos difíceis foi FRANCISCO MANUEL DA SILVA, discípulo do Padre José Maurício e sucessor de seu mestre na Capela. Sua obra refletiu a transição do gosto musical para o Romantismo, quando o interesse dos compositores nacionais recaiu principalmente sobre a ópera.

FRANCISCO MANUEL DA SILVA (Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1795 — Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1865) foi um compositor, maestro e professor brasileiro. Foi aluno do padre José Maurício Nunes Garcia, talvez o maior nome da música colonial brasileira, e de Sigismund von Neukomm, aprendendo violino, violoncelo, órgão, piano e composição. Ainda um jovem escreveu um Te Deum para o então príncipe Dom Pedro, que prometeu-lhe financiar seu aperfeiçoamento na Europa, mas não chegou a cumprir a promessa. Em vez disso, nomeou-o para a Capela Real, onde foi bastante ativo como diretor musical.

Em 1833 fundou a Sociedade Beneficente Musical, que teve um papel importante na época e funcionou até 1890. Contando com a simpatia do novo imperador Dom Pedro II, foi mestre-de-capela da corte em 1842. Talvez seu maior mérito seja a fundação do Conservatório do Rio de Janeiro, a origem da atual Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Também foi regente do Teatro Lírico Fluminense, depois transformado na Ópera Nacional.

Sua obra de composição não é considerada de grande originalidade, embora sejam interessantes a *Missa Ferial* e a *Missa em mi bemol*, mas foi o autor de uma única peça que se tornou célebre, a melodia do atual Hino Nacional Brasileiro, considerado por muitos como um dos mais belos do mundo.

Faleceu com 70 anos de idade, cercado da admiração e respeito gerais. Seu corpo encontra-se sepultado no Cemitério de São Francisco de Paula, no Catumbi, na cidade do Rio de Janeiro.

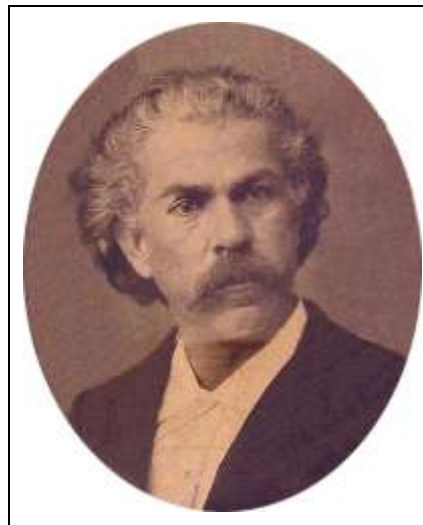


Aproximadamente no início do Segundo Reinado (1840-1860), o *bel canto* estava em seu auge na Europa, e era apreciadíssimo no Brasil, especialmente na capital, mas também em Recife, São Paulo e Salvador. Há registro de inúmeras representações. Em 1857 foi criada a Ópera Nacional, que logo passou a incorporar ao repertório obras sérias brasileiras de JOSÉ FERREIRA, ELIAS ÁLVARES LOBO e CARLOS GOMES, e algumas óperas estrangeiras. A voga da ópera perduraria até meados do século XX e seria o motivo para a construção de uma série de teatros importantes, como o Amazonas de Manaus, o Municipal do Rio, o São Pedro em Porto Alegre, o da Paz em Belém e diversos outros, todos de proporções majestosas e decorados com requintes de luxo. Neste campo a maior figura foi sem dúvida ANTÔNIO CARLOS GOMES. Apesar da primazia da ópera a música instrumental também era praticada, sendo o piano o instrumento privilegiado.

Entre os meados do século XIX e o início do século XX tiveram um papel importante através de sua produção com características progressistas LEOPOLDO MIGUEZ, seguidor da escola wagneriana, GLAUCO VELÁSQUEZ, de curta e brilhante aparição, e HENRIQUE OSWALD, que empregava elementos do impressionismo musical francês.

ANTÔNIO CARLOS GOMES nasceu em Campinas SP, em 11 de julho de 1836. Estudou música com o pai e fez sucesso em São Paulo com o Hino Acadêmico e com a modinha *Quem sabe?* ("Tão longe, de mim distante"), de 1860. Continuou os estudos no Conservatório do Rio de Janeiro, onde foram apresentadas suas primeiras óperas: *A noite do castelo* (1861), com libreto de Fernandes dos Reis, e *Joana de Flandres* (1863), com libreto de Salvador de Mendonça.

Com uma bolsa do conservatório, estudou em Milão com Lauro Rossi e diplomou-se em 1866. Em 19 de março de 1870 estreou no Teatro Scala de Milão sua ópera mais conhecida, *Il guarany* (O guarani), com libreto de Antonio Scalvini e baseada no romance homônimo de José de Alencar. Encenada depois nas principais capitais européias, essa ópera consagrou o autor e deu-lhe a reputação de um dos maiores compositores líricos da época. O sucesso europeu de *Il guarany* repetiu-se no Brasil, onde Carlos Gomes permaneceu por alguns meses antes de retornar a Milão, com uma bolsa de D. Pedro II, para iniciar a composição da *Fosca*, melodrama em quatro atos em que fez uso do *leitmotiv*, técnica então inovadora, e que estreou em 1873 no Scala. Mal recebida pelo público e pela crítica, essa viria a ser considerada mais tarde como a mais importante de suas obras.



Depois de *Salvatore Rosa* (1874) e *Maria Tudor* (1879), Carlos Gomes voltou ao Brasil e foi recebido triunfalmente, e a partir de 1882, passou a dividir seu tempo entre o Brasil e a Europa. No Teatro Lírico do Rio de Janeiro estreou *Lo schiavo* (1889; *O escravo*), de tema brasileiro. Com a proclamação da república, perdeu o apoio oficial e a esperança de ser nomeado diretor da Escola de Música do Rio de Janeiro. Retornou então a Milão e estreou *O condor* (1891), no Scala. Doente e em dificuldades financeiras, compôs seu último trabalho, *Colombo*, oratório em quatro atos para coro e orquestra a que chamou poema vocal sinfônico e dedicou ao quarto centenário do descobrimento da América. A obra foi encenada em 1892 no Teatro Lírico do Rio de Janeiro. Em 1895 chegou ao Pará, já doente, para ocupar a diretoria do Conservatório de Música de Belém, onde morreu em 16 de setembro de 1896.

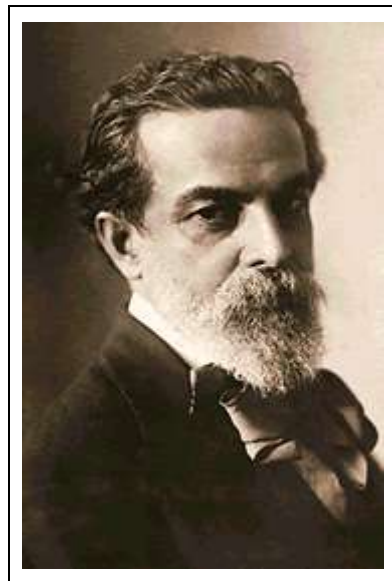
A música de Carlos Gomes, de temática brasileira e estilo italiano inspirado basicamente nas óperas de Giuseppe Verdi, ultrapassou as fronteiras do Brasil e triunfou junto ao público europeu. Os modernistas de 1922 desprezaram Carlos Gomes, mas o público brasileiro sempre valorizou suas modinhas românticas, a parte mais autenticamente nacional de sua obra, e a abertura ("protonia") de *Il guarany*.

Nacionalismo

Após Carlos Gomes passou-se a prestar mais atenção ao que poderia constituir uma música autenticamente brasileira. Neste sentido o rico folclore nacional foi a peça-chave, e compositores utilizaram seus temas para elaborações eruditas, embora ainda seguidoras em linhas gerais de escolas estrangeiras. BRASÍLIO ITIBERÊ DA CUNHA também foi um dos precursores desta corrente, com sua rapsódia *A Sertaneja*, para piano, escrita entre 1866 e 1869. Outros nomes importantes são LUCIANO GALLET e ALEXANDRE LEVY, de escola européia, mas que uma forma ou outra buscaram incorporar elementos tipicamente nacionais em sua produção. O caminho estava aberto, e um sabor definitivamente brasileiro pode ser encontrado na obra de ANTÔNIO FRANCISCO BRAGA, e especialmente em ALBERTO NEPOMUCENO, que empregou largamente ritmos e melodias do folclore em uma síntese inovadora e efetiva com as estruturas formais de matriz européia. A atuação de Nepomuceno também foi importante por ter ele sido presidente da primeira associação brasileira dedicada a concertos sinfônicos públicos.

ALBERTO NEPOMUCENO (1864-1920) - compositor, organista, pianista e regente brasileiro nascido em Fortaleza, CE, considerado o pai da canção de câmara brasileira e o "pai" do nacionalismo na música erudita brasileira. Aprendeu música com o pai, o maestro Vítor Augusto Nepomuceno, em Recife, PE, onde se tornou diretor musical do Clube Carlos Gomes (1882).

Após a morte do pai, mudou-se para o Rio de Janeiro, RJ (1884). Foi completar seus estudos na Europa (1888), estudou na Academia de Santa Cecília, em Roma, onde estudou com TERZIANI. Teve aulas também com o famoso THEODOR LECHETITZKY, em cuja sala de aula conheceu a pianista norueguesa WALBORG BANG, com quem se casou em 1893. Ela era aluna de **EDVARD GRIEG**, o mais importante compositor norueguês da época, representante máximo do nacionalismo romântico. Após seu casamento, foi morar na casa de Grieg em Bergen. Esta amizade foi fundamental para que Nepomuceno elaborasse um ideal nacionalista e, sobretudo, se definisse por uma obra atenta à riqueza cultural brasileira. Depois, com bolsa de estudo do Governo Brasileiro, transferiu-se para Berlim, onde estudou no Conservatório Stern. Também estudou órgão em Paris e voltando ao Brasil (1895), iniciou suas atividades pedagógicas no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro.



Em 1895, Nepomuceno realizou um concerto histórico, marcando o início de uma campanha que lhe rendeu muitas críticas e censuras. Apresentou pela primeira vez, no Instituto Nacional de Música, uma série de canções em português, de sua autoria. Estava deflagrada a guerra pela nacionalização da música erudita brasileira. O concerto atingia diretamente aqueles que afirmavam que a língua portuguesa era inadequada para o bel canto. A polêmica tomou conta da imprensa e Nepomuceno travou uma verdadeira batalha contra o crítico Oscar GUANABARINO, defensor ardoroso do canto em italiano, afirmando: "Não tem pátria um povo que não canta em sua língua".

O Garatuja, comédia lírica em três atos, baseada na obra homônima de José de Alencar, é considerada a primeira ópera verdadeiramente brasileira no tocante à música, ambientação e utilização da língua portuguesa, com ritmos populares como o maxixe e a habanera. No princípio do séc. XX, a realização do concerto de violão do compositor popular CATULO DA PAIXÃO CEARENSE, no Instituto Nacional de Música, promovido por Nepomuceno, causou grande revolta nos críticos mais ortodoxos. Ainda como incentivador dos talentos nacionais, atuou para editar as obras de um controvertido compositor que surgiu na época: HEITOR VILLA-LOBOS.